

Colméia Ilimitada.

Josimey Costa

A cidade era relativamente pequena, apesar de quase tão velha quanto o descobrimento do país. E era tão desimportante quanto o país ou o descobrimento. Os habitantes da cidade já se contavam aos milhares, mas eram pouco distintos entre si. A não ser por dois tipos principais: os habitantes do concreto e os que não habitavam o concreto. Estes, habitavam qualquer coisa: areia, barro, madeira, metal, até ar. Dormiam nos momentos mais absurdos e comiam mesmo o incomível. Sem respeito a nenhum ciclo de fertilidade, reproduziam-se em progressão geométrica, onde habitassem ou onde lhes desse na telha que não tinham.

Os habitantes do concreto só dormiam, comiam e se reproduziam sob concreto. Tinham as peles claras, não-curtidas pela luz filtrada através das estreitas fissuras nas paredes opacas. Falavam baixo, pensavam muito, tinham limitado número de doenças. Morriam pouco, mas nasciam pouco também.

Os outros, os que habitavam tudo, menos concreto, morriam tanto que nunca eram os mesmos. No entanto, não mudavam nunca a sua natureza mutável, e eram sempre ruidosos e invasivos, não percebiam limites e não se atinham aos seus próprios negócios. Que, aliás, nem negócios eram. Eram escambos.

As fronteiras entre um e o outro grupo de habitações da cidade pareciam bem demarcadas. Por concreto. Onde começavam as estruturas fixas, deveria terminar o terreno dos que não habitavam terrenos demarcados. Deveria, e pareceu ser assim por muito tempo. Mas os sem-concreto tinham uma expansão ilimitada, assim como acontece com as colméias das abelhas. Nas colméias, não há nada de tão rígido, de tão sólido, que se possa destruir definitivamente com a expansão. A colméia cresce ininterruptamente.

Um dia, os habitantes do concreto despertaram no interior de suas localidades em que se supunham imiscíveis e descobriram que estavam presos dentro delas. Nos espaços irrisórios entre uma e outra habitação perfeitamente rígida, havia se instalado uma, várias, centenas daquelas habitações desenformadas, que de modo algum conseguiam conter os seus milhares de habitantes. Eles se infiltravam de uma para outra e também nos interstícios, num frenesi espacial incessante.

Os habitantes do concreto vedaram entradas e saídas, criaram meios de comunicação indevassáveis, isolaram as mentes de qualquer sinal vindo do exterior para só responderem aos seus pares. Não poderiam mais sair; porém, nunca deixariam os outros penetrarem suas ecosferas incontamináveis.

Os de fora mal notavam aquelas formações inamovíveis. Eram, como qualquer outro elemento, apenas bases para suas habitações irrequietas, que se desmanchavam apenas para dar lugar a outras do mesmo teor. De lá de dentro, nada escapava. E eles não faziam qualquer esforço para penetrar. Apenas viviam as suas vidas inexoráveis. Por puro instinto de sobrevivência.

Os de dentro acabaram esquecendo todo o pouco que sabiam sobre o lado de fora, até ficarem incapazes de captar qualquer coisa que não emergisse de seu próprio mundo. Foram perdendo os receptores de sinais exógenos até não mais se perceberem.

Confundiram-se com o seu ambiente e pensaram que eram sempre, seres e mundo, uma só e única coisa: eles mesmos.

Tanto voltaram-se para dentro, cada vez mais profundamente, que as suas vidas sob o concreto tornaram-se iguais às vidas dos que viviam apesar de todo o concreto. Só que os de dentro não podiam saber disso, como não entendiam que não podiam mais sair do lugar em que se tinham voluntariamente isolado.

Os de dentro transformaram-se nos de fora. Só que, dentro, a expansão ilimitada destrói toda e qualquer estrutura rígida. Fora, o ar não tem fronteiras.